



A Encarnação

O ápice da revelação se dá no cumprimento das profecias messiânicas e da esperança por um Redentor: o nascimento de Jesus. O nascimento de Jesus é descrito por Mateus (cap. 1) e por Lucas (cap.2). O que ambos declaram com absoluta clareza é que Jesus foi gerado pelo Espírito Santo, ou, nos termos clássicos da história da igreja: o nascimento virginal de Jesus. Charles Hodge afirma que o nascimento virginal de Jesus cumpre as profecias do AT, pois “imediatamente após a apostasia de nossos primeiros pais, foi anunciado que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente. O significado desta promessa e predição deve ser determinado pelas revelações posteriores. Quando se interpreta a luz das mesmas Escrituras, fica patente que a semente da mulher significa o Redentor”.¹ Esta promessa, contida em Gn 3 (chamada pelos teólogos de Proto-Evangelho) foi ampliada ao longo do AT por novas revelações até se concretizar em Cristo.

Se Mateus e Lucas narram o nascimento virginal, é o Evangelista João que deixa claro o que isso significa. No prólogo, no qual narra a encarnação do Verbo Eterno, e ao longo do Evangelho com as majestosas declarações iniciadas com “Eu sou”, João declara de maneira inequívoca que Jesus Cristo, nascido da virgem, é Homem-Deus.² O Catecismo Maior de Westminster em sua resposta de número 37 afirma que “Cristo, o Filho de Deus, fêz-se homem tomando para si um verdadeiro corpo e uma alma racional sendo concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da Virgem Maria, da sua substância e nascido dela, mas sem pecado”. Este mistério central para a fé cristã é chamado de “As duas naturezas de Jesus”.

As heresias

Antes de definirmos a doutrina em termos propriamente ditos, é necessário compreendermos que este é um dos pontos de maior disputa ao longo da história da igreja. O nascimento virginal e os inúmeros textos do NT que confirmam a divindade de Jesus despertaram debates acalorados dentro da igreja nos primeiros séculos da era cristã. Por um lado, a questão se dava em torno da doutrina do Monoteísmo: conceber Jesus como divino significava para muitos incorrer em algum tipo de politeísmo. Lembre-se de que a revelação da Doutrina da Trindade foi se dando de maneira gradual e não temos referência clara a ela no AT. Packer nos lembra que as doutrinas da Trindade e da Encarnação estão profundamente relacionadas: “Trindade e Encarnação devem ser colocadas juntas. A doutrina da trindade declara que Jesus homem é verdadeiramente divino; assim como a doutrina da encarnação declara que o Jesus divino é verdadeiramente humano”.³

Se por um lado havia dificuldade de alguns de aceitar a plena divindade co-eterna de Jesus com o Pai, por outro haviam aqueles que se negavam a crer na humanidade plena de Jesus. A igreja então convocou seus concílios para deliberar sobre o assunto. Em Nicéia (325 d.C.) a igreja rejeitou a heresia ariana, concebida pelo Bispo Ário, que afirmava que Jesus seria um ser criado pelo Pai, embora sua criação tivesse se dado na eternidade. Dessa forma, o arianismo negava a divindade plena de Jesus ao afirmar que o Filho não seria auto-existente e co-eterno com o Pai.⁴

Os Ebionitas rejeitavam a divindade de Cristo. De semelhante maneira, os Gnósticos negavam a humanidade de Cristo. O Apolinarianismo, heresia formulada por Apolinário, Bispo de Laodicéia, negava a plena divindade de Cristo (o Logos teria substituído a mente do homem Jesus). Foi rejeitada pelo Concílio de Constantinopla em 382 d.C. Já o Nestorianismo, heresia formulada pelo Patriarca Nestório, é o erro de atribuir a Cristo duas naturezas e duas pessoas, a pessoa divina habitando a humana. Nestório negava o fato da natureza divina ter sido gerada em Maria (Cristotokos e não Theotokos) e assim negava uma perfeita união das duas naturezas. Sua heresia foi condenada no Concílio de Éfeso em 431 d.C. O Eutiquianismo, heresia pelo presbítero de Constantinopla, Êutico, afirmava que na união das duas naturezas a divina suprimiu a humana, de forma que Cristo teria, de fato, apenas uma natureza que seria a divina. Este erro também foi condenado no Concílio de Constantinopla em 382 d.C. e novamente refutado em Éfeso em 449 d.C.⁵

É importante ressaltar que muitas dessas heresias ainda sobrevivem na igreja, sob uma nova roupagem, em especial o arianismo, como destaca Sproul: “A mesma controvérsia existe hoje entre cristãos e os mórmons e os

¹ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática* – Volumen I. Barcelona: Editorial, Clie, 1991, p.333

² PACKER, J. I.: *Concise theology: a guide to historic Christian beliefs*. Wheaton, IL : Tyndale House, 1993

³ PACKER, J. I.: *Concise theology: a guide to historic Christian beliefs*. Wheaton, IL : Tyndale House, 1993

⁴ PACKER, J. I.: *Concise theology: a guide to historic Christian beliefs*. Wheaton, IL : Tyndale House, 1993

⁵ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p.779-784

testemunhas de Jeová, pois ambos possuem uma nobre visão de Jesus sobre os anjos e demais criaturas mas negam sua plena divindade”.⁶

As duas naturezas do Salvador

R. C. Sproul declara que “No Concílio de Calcedônia no quinto século, a igreja cristã buscou encontrar uma fórmula que chamasse a atenção simultaneamente para a plena humanidade de Jesus e sua plena deidade. As palavras que a igreja entalhou em 451 d.C. foram “vere homo, vere Deus”. A fórmula significa que Jesus era verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus, chamando a atenção para suas duas naturezas”.⁷

O Concílio de Calcedônia tornou conhecida a expressão “União Hipostática” das duas naturezas, como nos explica Wayne Grudem : “Quando a definição de Calcedônia diz que as duas naturezas de Cristo concordam “em uma pessoa e uma de substância”, a palavra grega traduzida como ‘substância’ é a palavra hipóstase, ‘ser’. Daí a união das naturezas humana e divina de Cristo em uma pessoa às vezes ser chamada união hipostática. Esta frase significa a união das naturezas divina e humana de Cristo em um ser”.⁸

A Confissão de Fé de Westminster declara a respeito das duas naturezas: “O Filho de Deus, a segunda Pessoa da Trindade, sendo verdadeiro e eterno Deus, da mesma substância do Pai e igual a ele, quando chegou o cumprimento do tempo, tomou sobre si a natureza humana com todas as suas propriedades essenciais e enfermidades comuns, contudo sem pecado, sendo concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da Virgem Maria, e da substância dela. As duas naturezas, inteiras, perfeitas e distintas - a Divindade e a Humanidade - foram inseparavelmente unidas em uma só pessoa, sem conversão, composição ou confusão; essa pessoa é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, porém um só Cristo, o único Mediador entre Deus e o homem” (Cap.8, Art.2).

Mas o que significa afirmar que Jesus é verdadeiramente Deus? James Petigru Boyce afirma que “as Escrituras ensinam que ainda que encarnado, Jesus era verdadeiramente Deus [...] Todos os atributos de divindade são atribuídos a Ele, eternidade de existência, auto-existência, onipotência, onipresença, onisciência, presença no céu e na terra, a contemplação e a unidade com o Pai, e o trabalho com o Mesmo. Estas coisas são declaradas a respeito dele e manifestadas por ele enquanto permaneceu na forma de homem”.⁹ Vemos esse Redentor divino acalmar tempestades, sondar as mentes e corações, ressuscitar mortos e exibir um controle total sobre todos os poderes e eventos.

E o que significa afirmar que Jesus é verdadeiramente Deus? Boyce afirma que “as Escrituras revelam a nós uma verdadeira humanidade, consistindo de um corpo real e alma racional. Cristo é representado como combinando em sua humanidade tudo que há na nossa, exceto que ele, sendo sem pecado, exibiu aquela perfeição de humanidade que não apareceu em nenhum outro a não ser em Adão antes de sua queda”.¹⁰

Logo, “nós não temos aqui um Deus e um homem, mas temos alguém que é Deus e que também é homem; alguém que, sendo portanto uma pessoa, une nele mesmo, através destas duas naturezas, as muitas características opostas necessárias ao seu trabalho [de redenção]”.¹¹

A necessidade de um Salvador Homem-Deus

Mas afinal, por que deveria Jesus ter duas naturezas? Por que era preciso que o mediador fosse Deus e homem? Charles Hodge afirma que “pela natureza da obra que deveria cumprir, era necessário que [Jesus] fosse de uma só vez Deus e homem. Ele precisava participar da natureza daqueles que ele viria a redimir; e ter poder para submeter todo mal, e dignidade para dar valor a sua obediência e sofrimentos”.¹²

Para poder se manter santo em todas as coisas e se tornar um sacrifício perfeito na cruz era necessário que o Mediador fosse Deus. Para poder se identificar com a humanidade caída se ser nosso segundo Adão, nos representando diante de Deus é necessário que o Redentor fosse homem. Apenas um Redentor Homem-Deus poderia levar a cabo o plano de salvação traçado desde a Eternidade.

O Catecismo Maior de Westminster deixa claro que “era necessário que o Mediador, que havia de reconciliar o homem com Deus, fosse Deus e homem e isto em uma só pessoa, para que as obras próprias de cada natureza fossem aceitas por Deus a nosso favor e que nós confiássemos nelas como as obras da pessoa inteira” (Resposta 40).

⁶ SPROUL, R. C.: *Who Is Jesus?, The Crucial Questions Series*. vol. 1. Lake Mary, FL : Reformation Trust Publishing, 2009

⁷ SPROUL, R. C.: *Who Is Jesus?, The Crucial Questions Series*. vol. 1. Lake Mary, FL : Reformation Trust Publishing, 2009, p.29

⁸ GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática – Edição Especial*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.871

⁹ BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p. 274

¹⁰ BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.276

¹¹ BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.285

¹² HODGE, Charles. *Teologia Sistemática – Volumen I*. Barcelona: Editorial, Clie, 1991, HODGE, p.333